ENCANTAMENTO E BRUTALIDADE NA EXPERIÊNCIA INFANTIL: A FIGURA DA CRIANÇA NA POESIA DE MARCELO ARIEL

ENCHANTMENT AND BRUTALITY IN CHILDREN'S EXPERIENCE: THE FIGURE OF THE CHILD IN THE POETRY OF MARCELO ARIEL

ENCANTAMIENTO Y BRUTALIDAD EN LA EXPERIENCIA INFANTIL: LA FIGURA DEL NIÑO EN LA POESÍA DE MARCELO ARIEL

Maria Fernanda dos Santos[1]
Mário Sérgio de Oliveira Vaz[2]

RESUMO
Busca-se neste artigo analisar alguns poemas de Marcelo Ariel em que a figura da criança aparece a fim de discutir algumas questões sobre a infância. Para tanto, elabora-se o seguinte percurso: primeiramente, a partir de alguns poemas, pensar sobre a visão de mundo das crianças, os primeiros contatos inebriados com as coisas e possibilidade de significá-las e ressignificá-las poeticamente, pautando-se nos pressupostos teóricos de Charles Baudelaire e Adilson C. Habowski e Cleber G. Ratto. Em seguida, dado a recorrência de tais cenários nos poemas de Marcelo Ariel, serão analisados poemas em que crianças aparecem em contextos de extrema violência. Ao colocar em diálogo a pureza e a ingenuidade da infância com a dureza da realidade social, o artigo pretende compreender a intersecção entre esses dois temas como um dispositivo literário de resistência e denúncia.
PALAVRAS-CHAVE: infância; violência; Marcelo Ariel.

ABSTRACT
The aim of this article is to analyze some of Marcelo Ariel's poems in which the figure of the child is central, in order to discuss some questions about childhood. firstly, based on some poems, to propose a reflection on children's worldview, their first excited contacts with things and the possibility of poetically signifying and re-signifying them, based on the theoretical assumptions of Charles Baudelaire and Adilson C. Habowski and Cleber G. Ratto. Next, we will analyze poems in which children appear in contexts of extreme violence, due to the recurrence of violent scenarios in Marcelo Ariel's poetry. By dialoguing the purity and naivety of childhood with the harshness of social reality, the article aims to understand the intersection between these two themes as a literary device of resistance and denunciation.
KEYWORDS: childhood; violence; Marcelo Ariel.

RESUMEN
Este artículo pretende analizar algunos poemas de Marcelo Ariel en los que aparece la figura del niño para discutir algunas cuestiones sobre la infancia. Para ello, se seguirá el siguiente camino: en primer lugar, a partir de algunos poemas, pensar la visión infantil del mundo, sus primeros contactos intoxicados con las cosas y la posibilidad de significarlas y resignificarlas poéticamente, a partir de los presupuestos teóricos de Charles Baudelaire, Adilson C. Habowski y Cleber G. Ratto. A continuación, dada la recurrencia de tales escenarios en los poemas de Marcelo Ariel, se analizarán poemas en los que aparecen niños en contextos de extrema violencia. Al poner en diálogo la pureza e ingenuidad de la infancia con la crudeza de la realidad social, el artículo pretende entender la intersección entre estos dos temas como un dispositivo literario de resistencia y denuncia.
PALABRAS CLAVE: infancia; violencia; Marcelo Ariel.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

É na infância que o mundo é apresentado e descoberto pelo ser humano, assim, o olhar diante da novidade é uma característica da infância. Esse olhar envolve a descoberta e possibilidade de significar o mundo, é um olhar deslumbrado, de maravilhamento, que muitas

[1] Universidade Federal do Paraná (UFPR), Brasil. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-1643-4087.
[2] Universidade Federal do Paraná (UFPR), Brasil. Orcid: https://orcid.org/0000-0003-3473-8292.

vezes escapa à lógica racional dos adultos, caracterizando-se como um olhar poético e criativo sobre as coisas. No entanto, muitas vezes, esse olhar pode entrar em contraste com a crueza da realidade e se deparar com contextos de extrema violência, de marginalização, pobreza, racismo, fome e guerras, que são realidades enfrentadas por muitas crianças ao redor do mundo.

Nos poemas selecionados de Marcelo Ariel (2019), presentes na coletânea *Ou o Silêncio Contínuo*, o poeta tensiona o contraste entre esses dois aspectos da realidade, de um lado o olhar infantil, a inocência e o deslumbramento, do outro a crueldade da realidade em que algumas crianças estão inseridas, de modo que esse olhar inebriado se torna uma metáfora para a perda de algo precioso, a perda do direito de ser criança, de viver em um mundo lúdico, haja vista que só é possível através desse olhar expor as injustiças da dureza da experiência infantil em um mundo que muitas vezes se revela brutal e indiferente, contrastando a pureza e a ingenuidade das crianças com as precárias condições de vida. Nos poemas – e aqui chamamos à atenção que também na realidade – a infância que deveria ser um espaço de maravilhamento e descoberta, muitas vezes se vê confrontada pela dureza da marginalização, do racismo, da pobreza, da guerra e da exploração nos mais variados, evidenciando a perda precoce da inocência.

A intersecção entre a pureza do olhar da criança e os contextos violentos são trabalhados na poesia de Marcelo Ariel de uma maneira que evoca a possibilidade de transformação desses espaços, uma espécie de resistência que mostra ao leitor a urgência de mudança nesses contextos, o olhar genuíno e vulnerável das crianças carrega a possibilidade de um mundo melhor, de um devir-criança. Nessa poética, portanto, é escancarado aos leitores cenas brutais: os vários cadáveres das crianças mortas, seja na Guerra entre Palestina e Israel, seja no Brasil por acidente ambiental, seja por violência nas ruas, balas perdidas, ou seja, ainda por miséria, fome, carência. Por fim, esse debate não é apenas uma crítica, mas também um chamado à ação, criando uma conversa poética que nos desafia a repensar o papel da sociedade na construção de um futuro mais justo para as crianças.

Assim, com o objetivo de demonstrar como esse contraste constitui não só como denúncia e crítica a esses contextos violentos, mas também como possibilidade de ressignificá-los, faremos o seguinte percurso de análise: primeiramente, na seção 2. O olhar inebriado da infância, serão analisados os poemas "Como as palavras" e "Veredito", ambos abordam a temática do olhar da criança e a forma como o mundo é apreendido pelos infantes. As imagens poéticas serão analisadas em paralelo com duas fotografias da série *Pele Preta* de Maureen Bisilliat (1966). Os pressupostos teóricos dessa seção são: Charles Baudelaire

(1996) em "O artista, homem do mundo, homem das multidões e a criança", Adilson Cristiano Habowski e Cleber Gibbon Ratto (2022) em "Tempos de infância: linguagem e experiência" e Sandra Maria Lúcia Pereira Gonçalves (2016) em seu artigo "Pele Preta: a poética da luz".

Na seção 3. Infância e Violência, serão analisados alguns versos da plaquete *As três Maria no túmulo de Jan Van Eyck,* de Marcelo Ariel (2022), os poemas "Perto do centro", "Edward Said ouve a pergunta do Anjo", "Meu nome é nuvem (Urchatz Gaza)", "Vila Socó Libertada" e "Ontologia e Merda" que, em linhas gerais, aparece a imagem da criança inserida nos mais variados contextos de violência. Portanto, nesse capítulo será abordado o tema de cadáveres infantis, o infanticídio que ocorre no território de Gaza, e a violência social e discriminatória que acontece em cenário brasileiro. Os pressupostos que fundamentam a argumentação são: Luiz Lima Vailati (2002) no artigo "Os funerais de 'anjinho' na literatura de viagem", Cícero Joaquim dos Santos (2012), em "Quando os corpos rejeitados fundaram os cemitérios dos anjos: Narrativas sobre os enterramentos infantis no Cariri cearense", Marinês Andrea Kunz e André Natã Mello Botton (2018), no artigo "Literatura Brasileira Contemporânea: denúncia da violência" e Nadera Shalhoub-Kevorkian (2019), no livro *Incarcerated Childhood and the Politics of Unchilding*.

O olhar inebriado da infância

Em diversos poemas de Marcelo Ariel é possível visualizar crianças inseridas em contextos de violência e também de marginalização, bem como crianças com reflexões profundas e filosóficas. Sendo assim, esse artigo pretende analisar alguns poemas de Marcelo Ariel em que a figura da criança aparece. Sob diversas perspectivas, os poemas denunciam e levam o leitor a refletir sobre as infâncias em cenários de brutalidade, tanto nacionais (pobreza, racismo, violência, marginalização, etc.), quanto estrangeiros (guerras, miséria, etc.). Ademais, o poeta também dá voz à criatividade e às reflexões infantis que por vezes escapam à racionalidade adulta, resgatando a visão de mundo poética e inebriada própria da infância.

O primeiro poema que será analisado, intitulado "Como as palavras", faz parte da coletânea que aqui será estudada *Ou o silêncio contínuo*, de Marcelo Ariel (2019), lançada pela Kotter Editorial. O poema em questão traz a imagem de duas crianças curiosas em seu ato de brincar:

Duas crianças brincavam de formar uma névoa de distanciamento
e ver o outro como um estranho

A névoa era feita de perguntas

Por trás da névoa a paisagem de símbolos e sinais escondidos no mundo

se move dentro dessa micro-física óbvia como as anulações do tempo ou
o silêncio

crescendo em volta do seu olhar a paisagem

amorosa se dissolve na névoa

como um comprimido efervescente

jogado no mar

para encenar 'A morte do sol'

Eu só preciso perguntar o seu nome

e então começamos a brincar com o que nos falta…
(Ariel, 2019, p. 48).

O eu lírico aborda as dinâmicas do universo infantil: o ato imaginativo durante as brincadeiras, a forma onírica e poética de enxergar a realidade sob diversas perspectivas e a relação com o mundo por meio da criatividade e da curiosidade. A névoa descrita no poema pode ser interpretada como as lacunas a serem preenchidas durante a infância, nesse processo de descoberta do outro, do estranho, bem como de si próprio. Por isso, a névoa é formada a partir de perguntas. Atrás da névoa, há uma paisagem de símbolos e sinais escondidos no mundo, tal como a visão das crianças que é carregada de símbolos, metáforas e formas de perceber o mundo. Paisagem efervescente que se dissolve rapidamente, tal qual as mudanças constantes desta fase da vida humana.

Charles Baudelaire (1996) em "O artista, homem do mundo, homem das multidões e a criança", também ressalta esse olhar curioso da criança sobre a realidade. Para o poeta, a percepção infantil "é aguda, mágica à força de ser ingênua" (Baudelaire,1996, p. 24). Baudelaire disserta ainda que "[a] criança vê tudo como novidade; ela sempre está inebriada. Nada se parece tanto com o que chamamos inspiração quanto a alegria com que a criança absorve a forma e a cor" (Baudelaire, 1996, p. 19). Devido a essa maneira de perceber a realidade, sempre como novidade, em um processo simples e bonito de aprender a se viver, é que a infância torna todos os momentos, desde o mais extraordinário ao mais trivial, em pura poesia.

Outro poema em que o olhar da criança foge das convenções sociais e da racionalidade do mundo adulto é "Veredito" de Marcelo Ariel, publicado na edição 241 do Jornal Rascunho em maio de 2020. Em alguns versos se lê:

> As crianças podem nos ensinar como
> Anjos se fossem visíveis iriam nos aterrorizar por anos
> Crianças e loucos saem da mente inicial para a outra entre a água e o animal para que santos e santas encontrem um sentido para a noção de eu escoar falsamente pelo ralo da não-mente
> As crianças que um dia foram apenas vontade se comunicando diretamente com o ato e depois gestos desvinculados da vontade caindo através dos fatos que dizem sem palavras tudo o que existe depois da palavra você é você
> quem diria que no sorriso louco das crianças o animal e o anjo
> ainda desamparadamente humanos nos olhassem tão de frente de abismos tão rasos
> Este poema já acabou três vezes disse a infância para si mesma
> e permanece desde que você a veja
> (Ariel, 2020, s/p).

Nos versos acima a criança é comparada tanto com o anjo quanto com o louco. Do anjo, pode-se pressupor a pureza e a inocência. Já na imagem do louco, volta-se para a questão do desvio do olhar da criança que percebe a realidade de maneira distinta dos adultos que se autointitulam "racionais". E assim, as crianças e os loucos, rompem com as convenções sociais, ressignificam o mundo no momento em que "se comunicam com atos, gestos, dizem sem palavras". Além disso, ao fim do poema, as crianças olham o espectador de frente e expõem aos homens os seus abismos tão rasos, seus vazios, sua falta de sensibilidade em ler o mundo.

Adilson Cristiano Habowski e Cleber Gibbon Ratto (2022) em "Tempos de infância: linguagem e experiência" entendem a infância como uma etapa da vida em desenvolvimento, que ganha sentido em sua relação com o tempo, ou seja, "trata-se de um modo de viver que implica suspender a continuidade; significa sentir, pensar, ouvir e observar de forma descontínua, paciente, sem pressa, deixando-se guiar pela paixão" (Habowski, Ratto, 2022, p. 4-5). Interpreta-se aqui que a afirmação dos estudiosos está em consonância com o pensamento de Baudelaire, haja vista que também destacam o olhar infantil para a novidade e a forma espontânea de lidar com as situações. Deste modo, "a criança é aquela que cartografa passos rumo ao desconhecido, estabelecendo descaminhos a cada passo dado em uma exploração na busca de potências escondidas nas novas aventuras" (Habowski, Ratto, 2022, p. 6). É essa criança inebriada pela novidade, construindo seu mundo, inventando narrativas que se vê em alguns poemas de Marcelo Ariel. Aqui evoca-se um paralelo entre as imagens das

crianças que aparecem nos poemas de Marcelo Ariel com a série de fotografias de Maureen Bisilliat “Menino Anjo” (1965):

Figura 1 - “MENINO-ANJO/ ASSIS” - MAUREEN BISILLIAT (1965).



Fonte: Acervo IMS.

O olhar das crianças nas fotos de Bisilliat não encaram o seu espectador, são desviantes, expressam uma certa melancolia e tédio, representando uma criança sonhadora, introspectiva. Tanto os poemas de Marcelo Ariel quanto as fotografias de Bisilliat oferecem perspectivas sensíveis sobre questões complexas e importantes da realidade brasileira, buscando conscientizar, denunciar e refletir sobre variados temas da infância, por meio de suas formas de expressões artísticas. Maureen Bisilliat representa nessa série de fotografias parte da realidade da infância negra no Brasil na década de 1960, misturando fatos a elementos imaginários, tais como as asas angelicais da criança.

Figura 2 - “MENINO-ANJO/ ASSIS” - MAUREEN BISILLIAT (1965).



Fonte: Acervo IMS.

Bisilliat tenta transmitir em suas fotografias parte de suas leituras que influenciaram fortemente seu apreço pelo Brasil (Euclides da Cunha e João Guimarães Rosa). Segundo Sandra Maria Lúcia Pereira Gonçalves (2016) em seu artigo “Pele Preta: a poética da luz”:

> Neste sentido, seu ensaio *Pele preta* apresenta características que iriam marcar seu trabalho de associar texto e imagem nas narrativas que constrói, bem como trabalhar questões que a levassem a entender o país escolhido para viver. Fotógrafa artista, Maureen Bisilliat transita em um universo movediço onde o documento literal da realidade se esfumaça na ação autoral e expressiva do artista. Desse modo, o real e o imaginário se entrelaçam permanentemente em seu trabalho (Gonçalves, 2016, p.798).

As fotografias acima representam paradoxalmente a realidade e o imaginário da infância do Brasil, possibilitando ao expectador a construção de narrativas transformadora para o futuro dessas crianças. Bisilliat traz um olhar poético e profundo sobre questões como espaço e identidade dessas crianças, revelando a beleza e a força presente nesses contextos que muitas vezes são adversos. É um chamado para imaginar a inocência infantil em um

espaço alegre, lúdico e de ensinamento. Sandra Maria Lúcia Pereira Gonçalves ainda reitera "Como qualquer criança, liberto, vestido com asas, saindo das sombras, não mais fragmento, ele quer voar. Ele quer ir tão alto quanto os seus

, composição e expressão para capturar a infância negra como um espaço onde forças sonhos o possam levar (Gonçalves, 2016, p.802). Esse contraste no jogo de luzes sugere tanto a dureza da realidade (sombra) quanto a potência do sonho e da esperança (luz). Ademais,

> Suas imagens transformam-se em discurso vivo ao trazer no seu jogo de claro-escuro e fragmentação questões que perpassam, ainda, a sociedade brasileira, tal como o lugar que essa outorga ao negro. O trabalho de Maureen parece visar à inserção definitiva do negro, sem estereótipos, como cidadão brasileiro (Gonçalves, 2016, p.803).

Maureen Bisilliat utiliza luzsimultâneas agem tanto no real quanto no simbólico – um lugar onde as dificuldades da realidade são aliviadas pela força da imaginação e da criatividade, e onde o presente, por vezes severo, carrega as sementes de um futuro melhor. Ademais, o próprio título da obra carrega essa dualidade: pele preta como símbolo identitário e histórico. Na obra, a pele preta não é apenas um marcador de raça; ela é uma superfície que carrega memórias ancestrais, histórias de opressão e lutas, mas também de beleza, potência e dignidade. Nesse sentido, os poemas de Ariel criam metáforas semelhantes, também nesse jogo de contraste de luzes: ora as sombras (denúncia, realidade cruel, violências), ora de transformação desses espaços que é a infância negra no Brasil, através do olhar iluminador da criança.

Infância e Violência

Mesmo quando o poeta destaca em seus versos essa força criativa e inventiva da infância, ainda assim não deixa de denunciar os contextos violentos aos quais muitas crianças ainda seguem inseridas. Exemplarmente, no primeiro verso do poema "Veredito" se lê: "As crianças não foram iluminadas o suficiente" (Ariel, 2020, s/p). Quando o eu lírico afirma não haver iluminação, os versos em questão exprimem a inserção das crianças em contexto sombrios, ou seja, onde não há um lugar adequado para uma infância segura, demonstrando, muitas vezes, o esvaziamento da vivência da infância, e de que forma forças exteriores violentas geram o embotamento da inocência. Por meio desses versos verifica-se que essas imagens de horror são recorrentes devido à política de morte que acontece no sistema capitalista que se sustenta por meio da contínua exploração da vida humana e também da

produção de cadáveres, não se importando que parte desses corpos sejam corpos de crianças – nas favelas, nos campos de concentração e de extermínios, nas guerras, nos desastres ambientais, nas ruas das grandes metrópoles, etc –. Diante disso, a poética de Marcelo Ariel convoca o leitor a questionar em que medida a infância é capaz de resistir a brutalidade da barbárie.

Em muitos poemas cadáveres de crianças aparecem. Na plaquete *As três Maria no túmulo de Jan Van Eyck,* de Marcelo Ariel (2022), o poeta aborda temas como o luto, guerras e miséria:

> O realismo do quadro
> encontra seu zênite nas dobras
> das vestes
> as do anjo lembram
> leite coalhado
> na Maria Blue
> plástico derretido,
> a Maria verde
> parece exibir
> um segredo
> por trás das dobras
> que se abrem,
> talvez seja possível
> imaginar
> o cadáver
> de uma criança
> escondido
> na cauda
> da roupa
> da Maria
> que se curva
> para enfrentar
> o anjo
> com o argumento
> dos sentimentos
> Eles são como o vento na tela
> (Ariel, 2022, p. 16).

O poema em questão, tal como a plaquete, descrevem a visita das três Marias ao túmulo de Jesus. Nesses versos, uma das Marias traz um segredo, que é um cadáver de uma criança abaixo de suas vestes. Nesse ínterim, é importante resgatar que na tradição popular brasileira é comum que a criança que morre seja chamada de "anjinho" e, segundo Luiz Lima Vailati (2002) no artigo "Os funerais de 'anjinho' na literatura de viagem", no funeral das crianças, era comum que elas fossem vestidas com uma mortalha, tal qual um anjo, deixando ainda mais evidente a associação feita entre a criança e a figura do anjo "paralelo já constatável no uso do termo 'anjinho' para designar a criança morta" (Vailati, 2002, p. 373). Em outro artigo, de Cícero Joaquim dos Santos (2012), intitulado "Quando os corpos

rejeitados fundaram os cemitérios dos anjos: Narrativas sobre os enterramentos infantis no Cariri cearense", há também a informação de uma certa segregação entre as crianças mortas, pois as crianças batizadas eram chamadas de anjinhos e recebiam o cortejo, já as não batizadas eram chamadas de pagãs e não eram sepultadas adequadamente.

O poema, a partir do cadáver da criança e do contexto bíblico a que se refere, traz uma provocação sobre a realidade cotidiana de muitas mães que não possuem o direito de velar pelos corpos de seus filhos. Corpos infantis assassinados em guerras, em chacinas, dizimados pela fome e pela doença, corpos que desaparecem sem deixar vestígios.

No poema "Perto do centro" é possível visualizar a morte de uma menina por bala perdida:

> Centro que não se move mais em nenhum tempo
> digo que é inútil atravessá-lo e saber que em seu núcleo
> tantos eus giram em volta
> dessa mandala do nada
> alimentada por motores de anti-luz
> que invadindo a vida assusta até as flores
> que se abrem lentas no asfalto
> num silencioso grito maior que o de Munch
> como essas flores também se abre a pele
> quando pressionada por projéteis que dançando na gravidade da morte
> anularam o movimento da menina de oito anos e meio que passeava perto
> do centro.
> (Ariel, 2019, p.131).

Os versos iniciais que descrevem um centro que não se move, "a mandala do nada", podem indiciar uma realidade que se repete inúmeras vezes, um ciclo vicioso que não cessa. Tal ciclo é tão violento que "assusta até as flores que se abrem lentas no asfalto", ou seja, a delicadeza de uma flor, sua naturalidade, não suportam tamanha violência, e é também uma referência ao poema de Carlos Drummond de Andrade "A flor e a náusea", de uma flor que brota onde só havia catástrofe. A flor ainda pode simbolizar a própria infância em sua fragilidade e beleza, gerando um contraste entre a pureza da infância e a brutalidade do mundo. A violência, também remete à "O Grito", famosa pintura de Munch, que expressa o horror do homem diante da barbárie. Violência essa que só é revelada ao final do poema: a cena de uma bala de projétil que interrompe o movimento de uma menina de oito anos que passeava pelo centro. Tal cena escancara o continuum da violência através do tempo. E ao fim do poema, mais um cadáver de criança emerge.

Essas vozes silenciadas por contextos de violência e o cadáver de crianças novamente aparecem no poema "Edward Said ouve a pergunta do Anjo" do livro Com o Daimon no contrafluxo:

> Por acaso serão vocês
> Capazes de revelar e elucidar as disputas
> desafiar e ter esperança
> de vencer
> o silêncio imposto
> e a quietude conformada
> do Poder?
>
> Se elevam acima da sombra
> das Torres
> o corpo das crianças
> feito de nuvens de pó
> flutuam por cima de um lago de areia
> em volta de recifes de corais
> flores de sangue desabrocham debaixo da terra
> cada gota de orvalho é um cadáver,
> Imensa esta nuvem
> cobre o próprio Sol a história não perdoa
> Não, não existem nela 4
> leis contra o sofrimento
> e a crueldade
> Por que motivo o mal se transformaria em bondade
> amanhã?
> Responde
> Ó meu igual
> Por acaso estas precárias
> imagens e metáforas
> podem trazer
> a vida desta criança
> de volta?
> (Ariel, 2019, p. 272-273).

O poema acima traz diversas questões urgentes, principalmente por evocar em seu título o nome de Edward Said, um dos grandes ativistas da causa palestina. O poema reflete acerca de temas como disputas, poder, violência e por fim traz uma reflexão sobre o ato de escrever em tempos sombrios. Todas as imagens do poema se desenvolvem nesse contexto de violência. Os versos que mais impactam os leitores são "o corpo das crianças/feito de nuvens de pó/ flutuam por cima de um lago de areia/ em volta de recifes de corais/ flores de sangue desabrocham debaixo da terra/ cada gota de orvalho é um cadáver (Ariel, 2019, p. 272), ou seja, uma guerra que só resulta na morte de milhares de inocentes, milhares de cadáveres.

Por fim, o poema traz o questionamento acerca do ato de escrever, se tais metáforas seriam capazes de trazer de volta à vida o cadáver de uma criança, questionando o caráter da poesia, da escrita em tempos de guerras, um questionamento da própria racionalidade e da

humanidade diante de tantas cenas de barbárie. O que pode ser feito para mudar essa realidade? A obra também explora os limites da linguagem e da arte, suas “precárias imagens e metáforas" ao tentar capturar e transformar realidades tão brutais.

Cotidianamente, a mídia traz em seus noticiários cenas da tragédia que ocorre no território de Gaza. Segundo diversos noticiários o genocídio na Palestina já é o maior da história em número de crianças assassinadas[3]. Esse conflito entre Israel e Palestina inicia-se em 1948 e assume novos desdobramentos violentos conforme o passar dos anos, tendo se agravado ainda mais recentemente, em 2023, a partir dos conflitos entre Hamas e o estado de Israel. E, nesse contexto, milhares de crianças não possuem seus direitos básicos garantidos, são violentadas e muitas vezes participam desses conflitos. Segundo relatório da UNICEF de 2013:

> Os maus-tratos contra crianças palestinas no sistema de detenção militar israelense parecem ser generalizados, sistemáticos e institucionalizados. Essa conclusão se baseia nas repetidas alegações sobre esse tipo de tratamento nos últimos 10 anos e no volume, consistência e persistência dessas alegações. A análise dos casos documentados por meio do mecanismo de monitoramento e relatório sobre graves violações dos direitos da criança, bem como as entrevistas conduzidas pela UNICEF com advogados israelenses e palestinos e com crianças palestinas, também corroboram essa conclusão (UNICEF, 2013, p. 13).

Ou seja, nesse território, milhares de crianças são vistas como terroristas e tem suas vidas dizimadas. Assim, é comum que o eu lírico de uma poesia que se constrói enquanto denuncia, questione o papel da arte, da linguagem, e até mesmo da humanidade diante desse contexto.

Os relatórios da ONU[4] divulgam dados que comprovam a magnitude do genocídio que ocorre no território de Gaza. Crianças que morrem e desaparecem tanto pelos bombardeios quanto pela falta de recursos básicos: alimentos, água, remédio, entre outros elementos necessários. Nadera Shalhoub-Kevorkian, professora e militante do feminismo e da causa palestina, escreveu o livro ainda não traduzido para o português *Incarcerated Childhood and the Politics of Unchilding* (2019), que aborda a perda da infância em Gaza. A autora cunhou o termo 'unchilding’ de crianças palestinas, o que significa que não possuem o direito de serem crianças, e que vivenciam cotidianamente um processo de desumanização e adultização, além de serem consideradas terroristas em potencial. Assim, são crianças que sofrem contenção,

[3] Mais informações sobre o relatório disponível em: https://www.condsef.org.br/noticias/genocidio-palestina-maior-matanca-criancas-historia-afirma-fepal.
[4] Mais informações sobre o relatório disponível em:https://www.ihu.unisinos.br/categorias/634380-a-infancia-em-gaza-enfrenta-um-futuro-marcado-pelo-trauma-do-genocidio.

imobilização, cativeiro e uma série de violências físicas e psicológicas que deixam cicatrizes na pele e na alma, devido a impossibilidade de se constituírem como sujeitos de direito, lhes é negado o direito de brincar, de imaginar, de estudar, de ser protegido. São crianças que não são protegidas pelas ongs, estados ou instituições.

Assim, Nadera Shalhoub-Kevorkian (2019) defende a tese de que a infância não pode ser separada de questões políticas e não deve ser vista apenas como uma fase de desenvolvimento. Segundo a autora, a infância não é direito adquirido pelas crianças palestinas, portanto "[...] é algo que deve ser determinado, recuperado e compreendido dentro de uma complexa rede de implicações ordenadas pela dinâmica de poder que está em jogo em um estado colonizador[5]" (Shalhoub-Kevorkian, 2019, p. 117, tradução nossa). Ou seja, é necessário lutar para que esses direitos sejam retomados e garantidos às crianças palestinas, levando em conta os jogos de poderes e as disputas geopolíticas. Por meio de cartas e conversas com crianças, a autora revisita as vozes e percepções infantis e isso deixa evidente que as crianças têm consciência, ao seu próprio nível de entendimento, das violências que as afetam e os contextos políticos em que se inserem. Entre tantas questões, o livro é importante para nos lembrar o quanto é necessário dar voz às crianças e lutar para que seus direitos sejam garantidos.

Outro poema que segue no mesmo debate é "Meu nome é nuvem (Urchatz Gaza)" do livro *Com o Daimon no contrafluxo*:

> Esta criança incendiada
> em Gaza
> é a mesma que está brincando
> nos trilhos do trem no Brasil
> em alguns minutos
> também será assassinada
> [...]
> (Ariel, 2019, p. 278).

Aqui o eu lírico do poema faz um paralelo entre a infância perdida em Gaza e a infância perdida no Brasil. É possível verificar que as muitas crianças estão em situação de vulnerabilidade em diversas partes do mundo, desde países com grandes conflitos como é o caso do território de Gaza, bem como países com as desigualdades sociais exacerbadas como é o caso do Brasil. No poema há a comparação entre o corpo de uma criança incendiada e o de uma criança que brinca nos trilhos do trem no Brasil e que em breve também será assassinada.

[5] No original: "[...] it is something that must be determined, retrieved, and understood within a complex web of implications mandated by the dynamics of power that are in play in a settler state" (Shalhoub-Kevorkian, 2019, p. 117).

Em um país como o Brasil, onde a violência contra crianças se manifesta de diferentes formas — física, emocional, sexual, ou negligência — a poesia pode ser uma poderosa ferramenta para dar voz àqueles que são frequentemente silenciados. Deste modo, o poeta cria imagens que revelem a fragilidade e a inocência da infância, contrastando com a brutalidade da violência.

Marinês Andrea Kunz e André Natã Mello Botton (2018), no artigo "Literatura Brasileira Contemporânea: denúncia da violência", discutem as relações histórias que refletem sobre o contexto da recente produção literária brasileira que se caracteriza por abordar a violência urbana. Tal como fora dito acima, os estudiosos também percebem na realidade brasileira diversos contextos violentos que foram historicamente construídos desde os tempos da colonização portuguesa até a contemporaneidade, apesar da legislação ter tido alguns avanços, de modo que a literatura carrega em si as marcas desse violento processo histórico:

> Nessa perspectiva, pode-se afirmar que a arte, em especial a literatura, mimetiza essa violência, favorecendo a edificação de uma voz de resistência diante de situações dessa realidade brasileira, o que incide sobre a concepção da identidade nacional. Assim, apresenta o testemunho, embora ficcional, de vozes emudecidas, às quais empresta a grafia, permitindo, com isso, devolver-nos a imagem da nossa castigada humanidade (Kunz; Botton, 2018, p. 54).

Assim, colocando em evidência a realidade brasileira, o poeta traz constantemente em seus poemas um acidente que afetou fortemente sua biografia. Marcelo Ariel é um poeta negro, que cresceu em uma periferia de Cubatão. Tendo isso em vista, o poema "Vila Socó Libertada" narra o dia seguinte ao acidente petroquímico de Cubatão (1984) descreve cenas violentas e a presença de crianças nesses contextos:

(depois do fogo)
no outro dia
(sem poesia)
as crianças (sub-hordas)
procuram no meio do desterror
botijões de gás
para vender,
um menino indianizado
encontra uma geladeira
pintada por Pollock
dentro um cadáver de uma grávida
incinerado
com a barriga estourada
a mão do feto
devorado
(por Saturno)
atravessa as tripas
sai para o fora do fora

ali ao lado
onde o silêncio do menino
é calmo
(a quietude neutra avalia o inconsolável)
um jornalista
a cem metros do projeto
caminha
(a câmera-sombra focando um canto)
atrás dele
um rapaz
que julga ver nos escombros
um Lázaro
ele corre e ao agarrar um braço
o braço vem junto e ao ser largado
no ato
por um instante entre o chão
e o espaço é fotografado
pelo pai de um
dos meninos do gás

na foto revelada:

uma realidade
desfocada
(semo mortos, vivos ou paisagem)
tudo é uma névoa-nada.
(Ariel, 2019, p. 37-38).

Após o acidente, sub-hordas de crianças passeiam pelos escombros (sem poesia), como se a perda da inocência própria da infância acontecesse nesse momento de horror, o silêncio calmo de uma criança diante daquilo que é inconsolável. Em meio a tanto horror e miséria, crianças buscam sobreviver, "ao procurar botijões de gás para vender", metaforicamente fora o próprio gás que consumiu tudo em chamas. Uma das crianças encontra o cadáver de uma grávida incinerada com um feto em seu ventre, uma infância perdida, mais uma vítima da catástrofe do progresso. Aqui, o poeta resgata dois artistas: as pinceladas alucinantes de Pollock que metaforicamente expressam o caos das ruínas do incêndio, e a imagem do feto dentro da barriga da mãe é relacionado ao Saturno devorando seu filho (famosa pintura de Francisco Goya). Outras cenas de horror acontecem no poema, um átomo do caos diante da realidade do ocorrido, realidade que o poema chama de "desfocada" e por fim novamente evoca a névoa que tudo encobre.

Em outro poema, intitulado "Ontologia e Merda" aparece uma criança fumando crack:

entre o caos de Pirandello e o de Pasolini
invade o poema um menininho fumando crack na esquina
dentro da vida cínica
entre o caos de Afonso Henriques Neto e o caos convertido
em teatro fatal pelo menino
penso em dar um tiro de misericórdia

nos poemas
poemas são a merda da alma
e o tempo é uma lenta bala perdida, me diz o silêncio do
menino
(Ariel, 2008, p. 54).

O tema central do poema é o caos. Os autores citados: Luigi Pirandello, Pier Paolo Pasolini e Afonso Henriques Neto, abordam em suas obras diferentes nuances do caos, mas o caos propriamente acontece além dos limites da escrita, é o fora do poema, a vida cínica, ou seja, a realidade cotidiana em que é comum um menino fumar crack na esquina. Essa cena impacta o leitor, retira-o de seu conforto para refletir sobre a realidade de diversas crianças. O menino do poema segue em silêncio, enquanto isso o eu lírico constata a insuficiência da linguagem em representar a crueza do real.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas imagens de crianças inseridas em contextos de violência chocam e provocam a reflexão do leitor. Esses cenários destoam daquilo que é descrito como um lugar adequado para uma infância segura, de modo que podem representar uma busca do eu lírico ao trazer a infância para tais cenários como um elemento de inocência, sugerindo assim o resgate da esperança em meio às adversidades sociais.

Apesar dos significativos avanços ao longo dos anos, desde a implementação da Constituição Federal de 1988, que reconhece a criança como um sujeito de direito e, alguns anos mais tarde, 1990, pela criação do Estatuto da Criança e do Adolescente, as crianças ainda vivem contextos desassistidas em alguns direitos fundamentais, principalmente as mais vulneráveis economicamente e de regiões mais periféricas do Brasil. Ao falar sobre violência infantil no Brasil, o poeta ressalta outros elementos importantes e coloca em perspectiva as questões sociais que alimentam essa violência — a desigualdade econômica, a pobreza, a marginalização e as condições de vida precárias. A poesia de Marcelo Ariel se conecta com os aspectos históricos e estruturais que perpetuam esse ciclo, apontando para a necessidade de mudanças sociais e políticas.

REFERÊNCIAS

ARIEL, Marcelo. **As três Marias no túmulo de Jan van Eyck**. São Paulo: Círculo de Poemas, 2022.

ARIEL, Marcelo. **Ou o silêncio contínuo**. Curitiba: Kotter Editorial, 2019.

ARIEL, Marcelo. “Poemas de Marcelo Ariel”. In: **Jornal Rascunho**, ed. 241, 2020. Disponível em: https://rascunho.com.br/ficcao-e-poesia/marcelo-ariel/. Acesso em: 15 de jan. de 2025.

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a Modernidade**: O pintor da vida moderna. Org. Teixeira Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BISILLIAT, Maureen. **Menino-anjo/ Assis**. São José do Rio Pardo, SP, 1965. Acervo IMS. Disponível em: https://ims.com.br/por-dentro-acervos/pele-preta/. Acesso em: 15 de jan. de 2025.

GONÇALVES, Sandra Maria Lúcia Pereira. “*Pele Preta: a poética da luz”. In:* ***VII*** **Congresso Internacional Criadores sobre outras Obras**. Lisboa: FBAUL-CIEBA, 2016.

HABOWSKI, Adilson Cristiano; RATTO, Cleber Gibbon. “Tempos de infância: linguagem e experiência”. In: **Childhood & philosophy**, v.18, p.1-29, 2022.

KUNZ, Marinês Andrea.; MELLO BOTTON, André Natã. “Literatura brasileira contemporânea: denúncia da violência”. In: **Revista Literatura Em Debate**, v.12, n. 23, p. 41-55, 2018.

SANTOS, Cícero Joaquim. “Quando os corpos rejeitados fundaram os cemitérios dos anjos: Narrativas sobre os enterramentos infantis no Cariri cearense”. In: **Anais Dos Simpósios Da ABHR**, 13, 2012.

SHALHOUB-KEVORKIAN, Nadera. **Incarcerated Childhood and the Politics of Unchilding**, New York: Cambridge University Press, 2019.

VAILATI, Luiz Lima. “Os funerais de ‘anjinho’ na literatura de viagem”. In: **Revista Brasileira de História**, vol. 22, nº 44, 2002.

UNICEF. Children in Israeli Military Detention - Observations and Recommendations. Fevereiro de 2013. Disponível em: https://www.unicef.org/sop/documents/children-israeli-military-detention. Acesso em 20 de jan. de 2025.

SOBRE OS AUTORES

Maria Fernanda dos Santos
Doutora em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestra e Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO). Atualmente é professora de língua portuguesa do quadro permanente do Magistério da rede estadual de ensino do estado do Paraná (SEED – PR). Tem experiência de ensino e pesquisa em torno de temas como: Poesia Contemporânea, Poesia Marginal, Modernismo Brasileiro, diálogos entre literatura e outras artes.
E-mail: maria.fer.s@live.com

Mário Sérgio de Oliveira Vaz
Doutor em filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO). Atualmente é professor de filosofia do quadro permanente do Magistério da rede estadual de ensino do estado do Paraná (SEED – PR). Autor do livro "Sobre a dignidade da ação em Hannah Arendt" (Apolodoro Virtual Edições, 2021). Tem experiência de ensino e pesquisa em torno do pensamento de Hannah Arendt e seus interlocutores em vista dos seguintes temas: violência, desobediência civil, autoridade, liberdade e poder, democracia e o sistema de conselhos.
E-mail: mariovaz74@gmail.com

Artigo recebido em 25/01/2025.
Artigo aceito em 20/05/2025.